

A actividade dos formadores em Portugal: condições, exigências e constrangimentos

Trainers' activities in Portugal: conditions, demands and constraints

Andreia Ferreira¹ e Marta Santos²

Resumo

A formação profissional tem vindo a desempenhar um papel cada vez mais central nas sociedades actuais. Em Portugal, assistiu-se recentemente a um aumento do investimento público no sector, a uma crescente mediatização e uma grande diversificação de contextos, públicos e modalidades. Tudo isto conduz a um aumento de profissionais no sector da formação profissional e ao aparecimento de figuras profissionais idiossincráticas, como forma de responder às exigências do sector.

Contudo, o conhecimento científico sobre a actividade profissional do formador actualmente é ainda reduzido. Descreve-se aqui um estudo centrado no papel desempenhado pelo formador, nas dificuldades que encontra e nas estratégias que constrói, nos aspectos gratificantes e nas implicações a médio prazo para a sua saúde e bem-estar.

Para além de permitir um conhecimento mais aprofundado das tarefas realizadas e as exigências a elas associadas, destaca-se a importância assumida pela modalidade de formação em que cada uma se inscreve.

Palavras-chave: *análise da actividade, formadores, condições de trabalho.*

Abstract

Professional training has begun to play an ever more central role in modern societies. In Portugal, we have recently been confronted with an increase of public sector investment, presence in the media and a large diversification of contexts, public and modalities. All this has lead to an increase of the professionals in the work training sector and the appearance of idiosyncratic professional figures, as a type of response to the demands of this sector.

However, scientific knowledge about the professional activity of the trainer is presently small. Here, we describe a study centered on the role played by the trainer, the difficulties faced and the strategies developed, the gratifying aspects and the mid-term implications on their health and wellbeing.

More than allowing a deeper knowledge of the tasks performed and the demands associated to them, we focus on the importance assumed by the modality of training in which they enroll.

Keywords: *activity analysis, trainers, work conditions.*

*Publicação editada pela RICOT (Rede de Investigação sobre Condições de Trabalho)
Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*

*Publication edited by RICOT (Working Conditions Research Network)
Institute of Sociology, Faculty of Arts, University of Porto*

<http://ricot.com.pt>

1. A actividade profissional dos formadores em Portugal

O presente estudo tem como principais objectivos contribuir para a análise das condições de emprego e trabalho dos formadores portugueses, bem como identificar recursos, exigências e constrangimentos da sua actividade de trabalho.

Efectivamente, sabe-se que a formação profissional tem vindo a desempenhar um papel cada vez mais central nas sociedades actuais. Contudo, o conhecimento sobre a actividade do formador é ainda bastante reduzido e aponta para um grupo profissional fragmentado e diversificado [3].

Em Portugal, é incontornável a referência à Iniciativa Novas Oportunidades, lançada em 2005, nomeadamente pelos objectivos definidos que apontavam a qualificação de 1.000.000 de activos até ao ano de 2010, sendo o patamar de referência a obtenção do ensino secundário [4]. Em termos organizativos, destaca-se a aposta em novos centros de formação em todo o país, a organização em dois eixos – jovens e adultos – e o reforço da modalidade de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC). Dados de Março de 2011, revelam a existência de 459 Centros Novas Oportunidades em funcionamento e um total de 9069 elementos nas equipas técnico-pedagógicas [5]. Não foram encontrados dados oficiais relativamente às condições de emprego destes profissionais.

2. Metodologia

Para a concretização dos objectivos enunciados recorreu-se a diferentes estratégias de recolha de dados, tendo sido inicialmente aplicado o inquérito INSAT [6] a 72 formadores. Realizaram-se, em seguida, entrevistas exploratórias a 10 formadores que permitiram reunir um conjunto de dados significativos para a devolução ao colectivo profissional. Finalmente, 6 formadores voluntariaram-se para a realização de 4 entrevistas colectivas. Estes dados foram recolhidos entre Janeiro de 2008 e Junho de 2010, num centro de formação profissional no Norte de Portugal [7][8][9][10].

3. Resultados

3.1 Aplicação do INSAT

Da aplicação do INSAT, salienta-se que 55% dos inquiridos exercem a sua actividade enquanto trabalhadores independentes e 40% são exclusivamente formadores. A média de horas de trabalho semanais é 36, embora cerca de 20% dos formadores trabalhe mais de 50 horas. Um dos constrangimentos mais mencionado é as deslocações profissionais frequentes. O elevado grau de autonomia e iniciativa é uma característica quase unânime mas que não pode ser dissociada do facto de 59% dos formadores referirem a necessidade frequente de resolver problemas sem ajuda. Os problemas de saúde, percebidos como relacionados com a actividade, são os problemas de sono, a fadiga geral, a ansiedade e a irritabilidade.

3.2 Entrevistas Individuais

As entrevistas individuais alertaram para a diversidade de tarefas identificadas; para a elevada carga horária semanal e a sua variabilidade; para a diversidade de locais onde realizam as tarefas; e, para os percursos profissionais destes formadores que parecem revelar uma transformação nas opções de gestão dos recursos humanos realizada em função das modalidades formativas mais procuradas e financiadas pelo governo português. Aparentemente, os formadores são cada vez mais jovens, com uma qualificação académica elevada, quase sem experiência profissional, personificando as transformações no acesso à profissão referidas por Géhin [11].

3.3 Entrevista Colectivas

A reflexão colectiva efectuada pelos formadores focou a organização das suas tarefas, sendo que estes fazem espontaneamente a distinção em função das diferentes lógicas formativas existentes no sistema formativo português. Ora, os formadores envolvidos nas duas principais modalidades (RVCC e Educação e Formação de Adultos) reconhecem diferenças claras nas condições e exigências da actividade quotidiana pelas características da formação, especificidades do público-alvo, condições de remuneração e o tempo real dedicado a cada uma delas. Logo, mais do que identificar de forma genérica as exigências relativas a cada uma das tarefas realizadas, os formadores ponderam-nas em função da modalidade formativa em que se inscrevem.

Quanto aos tempos de trabalho, a reflexão colectiva ilustrou a grande variabilidade inter-individual e mesmo intra-individual, já que diferentes semanas de trabalho podem ter cargas de trabalho muito distintas. Relacionando com as condições contratuais destes formadores que estabelecem uma relação multi-contratual com um ou vários centros de formação e são remunerados mensalmente em função das horas ministradas, destaca-se que, perante a análise de uma semana de trabalho, cerca de 17% das horas destes formadores não foi remunerada.

4. Reflexões finais

As soluções que os formadores acabam por apontar para uma intervenção nas suas condições de trabalho são, então, concretas, locais e com um impacto que seria mais sentida na gestão do dia-a-dia. Sugerem intervenções que foquem sobretudo a organização dos tempos de trabalho e das deslocações e a potenciação do trabalho em equipa. Da experiência destes formadores destaca-se a marcação das reuniões integrada no calendário das sessões de formação; a atribuição de tarefas a grupos de trabalho mais pequenos; e a utilização de ferramentas que permitam a comunicação não presencial entre os formadores.

Apesar da aposta que tem sido feita na qualificação dos portugueses, os dados do estudo apontam para condições de emprego e de trabalho destes formadores bastante deterioradas. A inexistência de contratos de trabalho estáveis, horários de trabalho longos, deslocações profissionais frequentes, necessidade de conciliar os tempos dos adultos em formação e as metas dos centros de formação são disso alguns exemplos. Se

acrescentarmos a estas condições, a incerteza política e a desconfiança generalizada que se parece ter instalado na actualidade sobre esta iniciativa (e especificamente sobre o RVCC), percebemos que os profissionais que trabalham nos CNO, longe de poderem perspectivar uma situação mais favorável das suas condições, receiam a sua degradação.

Referências e Notas

[1] Andreia Lopes Ferreira

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Rua Alfredo Allen, 4200-135 Porto

andreialopesferreira@gmail.com

[2] Professora Doutora Marta Santos

Centro de Psicologia da Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Rua Alfredo Allen, 4200-135 Porto

marta@fpce.up.pt

[3] Pottier, E. (2005). *Les formateurs d'adultes un groupe professionnel segmenté en tension entre deux mondes*. Tese de Doutoramento em Sociologia, Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines

[4] ANQ (2010). *Novas Oportunidades: aprender compensa*. Lisboa: ANQ, I. P. Consultado em 24 de Julho de 2010, <http://www.novasoportunidades.gov.pt/>

[5] Novas Oportunidades (2011). Informação estatística. Consultado em 13 de Julho de 2011. <http://www.novasoportunidades.gov.pt/np4/estatistica>

[6] Barros-Duarte, C., Cunha, L. & Lacomblez, M. (2007). INSAT: uma proposta metodológica para análise dos efeitos das condições de trabalho sobre a saúde. *Laboreal*, 3, (2), 54-62.

<http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=37t45nSU547112311:499682571>

[7] Santos, M., Costa, J. L. & Lacomblez, M. (2008). *Les conditions de travail et de santé des formateurs en formation professionnelle : premières données et premières analyses relatives au cas portugais*. Séminaire ECI: Conditions de Travail et de santé des formateurs en formation professionnelle et lycée professionnel. Programme Erasmus. Paris : Université Paris Descartes, le 27 mars 2008.

[8] Santos, M., Gomes, S. & Lacomblez, M. (2009). *Les conditions de travail et de santé des formateurs en formation professionnelle : observations relatives au cas portugais*.

Séminaire «L'analyse des pratiques des enseignants et formateurs». Programme Erasmus. Paris : Université Paris Descartes, le 29 mai 2009.

[9] Monteiro, A. C. & Santos, M. (2010). *Primeiras análises do trabalho do formador: Aplicação do questionário INSAT – Inquérito Saúde e Trabalho*. 5º Fórum Jovens Cientistas. Porto: FPCEUP, 19 de Março de 2010.

[10] Ferreira, A. (2010). Análise colectiva da actividade dos formadores em Portugal: a diversidade de actividades, o impacto das condições contratuais e as implicações para a saúde. Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

[11] Géhin, J.-P. (2010). Construction du groupe professionnel des formateurs et regionalization des politiques de formation. In E. Lescure & C. Frégné (Eds.). *Les métiers de la formation* (pp. 55 – 66). Rennes: Presses Universitaires de Rennes